

## **A CONDIÇÃO HUMANA DE IMAGINADOR NA CONTEMPORANEIDADE: UMA EXPERIÊNCIA DE USO DA IMAGEM NA EDUCAÇÃO**

Jucieude de Lucena Evangelista, UERN/UFRN, jucieudelucena@hotmail.com  
Karlla Christine Araújo Souza, UERN, karlla\_chris@yahoo.com.br

A experiência narrada neste texto é parte de uma pesquisa de Doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. Ela consiste num experimento de uso da imagem no ensino de Sociologia no ensino médio, e tem como campo de trabalho o Programa Institucional de Iniciação à Docência do curso de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. A experiência parte do princípio de que a criação de imagens é uma condição constitutiva e constituinte do pensamento humano, portanto, também de nossa humanidade. Sob esta condição concebemos o sujeito humano como imaginador. Temos o objetivo de construir uma experiência de uso da imagem na educação, em função da condição de imaginador e que escape aos determinismos tecnológicos para espírito humano. Para tanto buscamos trabalhar através da criação de imagens literárias e da produção de vídeos baseados nos conteúdos curriculares de Sociologia para o ensino médio, a fim de observar como os sujeitos da pesquisa desenvolvem sua qualidade humana de imaginador.

**Palavras-chave:** Imaginador; Imagem; Condição humana; Pensamento.

A experiência apresentada neste texto tem um duplo caráter: 1) constitui o relato da construção de um percurso intelectual que vai de uma inquietação sobre a relação entre os meios de comunicação e a educação, ao desenvolvimento de uma problemática de pesquisa que busca observar a situação contemporânea de um elemento arcaico relativo à própria constituição do sujeito humano: a imagem; 2) apresenta a aplicação experimental de nossa discussão com sujeitos concretos em um contexto particular.

Enxergamos o caráter arcaico da imagem devido ao arcaísmo do próprio pensamento. Imagem e pensamento são para nós irmãos siameses, além de serem geradores e gerados na própria constituição do sujeito humano. Não há sujeito humano sem pensamento assim como não há pensamento sem sujeito. Se concebemos que pensar é parte da condição humana e que a imagem é indissociável do pensamento, concebemos também que criar imagens, isto é, ser um imaginador também é parte dessa condição. Assim concebemos a condição de imaginador também como uma condição de nossa humanidade.

Assim, buscamos trazer à luz a problemática da imagem na contemporaneidade, não porque a percebemos como uma questão que diz respeito apenas à civilização atual, na qual

a imagem é a principal forma de apreensão do mundo e de comunicação entre os sujeitos, mas porque é uma questão que remete ao arcaísmo e que é indissociável do espírito humano. Assim, como Morin, que analisou a modernidade dos processos arcaicos do imaginário, construindo uma interpretação da sociedade e da cultura do século XX a partir do cinema, buscamos analisar a condição arcaica de imaginador na contemporaneidade a partir do uso da imagem na educação. Motivado pela nossa preocupação sobre a relação entre meios de comunicação e educação, escolhemos abordar essa questão no contexto educacional, mais particularmente com professores em formação. Estes compreendem alunos de licenciatura em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte que integram o Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID/UERN. Nosso objetivo é realizar uma experiência de usos da imagem baseado na criação de imagens literárias e na produção de vídeos a partir dos conteúdos curriculares de Sociologia para o ensino médio.

Colocamos nossa experiência e nossa discussão em relação à discussão sobre cidadania planetária porque enxergamos que ambas estão orientadas em função de princípios unificadores que dizem respeito ao reconhecimento de nossa condição comum como humanos. Sobre qualquer experiência particular deve estar esta condição. Este é o princípio que pode unificar os povos e os indivíduos como existentes de uma mesma “terra pátria” ou de uma comunidade planetária de humanos que compartilham de formas singulares uma mesma existência.

### **A construção do itinerário intelectual**

Antes de nos dedicarmos a narrar a experiência propriamente dita, gostaríamos de fazer algumas considerações sobre o caminho que fizemos para construir nossa abordagem sobre o uso da imagem na educação. A primeira parte deste relato, constituída do nosso percurso intelectual, é pertinente por dois motivos: 1) porque que ele nos ajuda a revelar melhor a problemática da qual nos ocupamos, além de destacar as categorias com as quais trabalhamos para orientar nosso experimento; 2) **porque o encontro com essas categorias e a elaboração da forma como acontece o experimento foram se constituindo ao longo desse**

percurso, portanto, trazem o duplo caráter de nosso relato, da construção subjetiva do pensamento e de sua realização objetiva no experimento.

A experiência que buscamos realizar nesse momento é fruto do amadurecimento do trabalho de alguns anos, dedicado a estudar as relações entre meios de comunicação e educação. São dois os fatores que motivam de nossas inquietações: primeiro, a predominância do uso instrumental dos meios de comunicação; segundo, considerando meios de comunicação e educação como universos culturais distintos, a escola tende a rechaçar a cultura midiática, concebendo-a como cultura menor e, em geral, inadequada a fins educacionais. A observação desses fatores nos revela uma contradição: de um lado, enquanto técnica os meios de comunicação têm ampla abertura e aceitação na educação, mesmo podendo ter dificuldades de aplicação; de outro lado, considerando seu aspecto cultural, eles são rejeitados pela escola, logo, dificultando o diálogo entre formas de pensar distintas, mas complementares, que representam duas dimensões constitutivas do pensamento humano, a razão e a afetividade.

Esses fatores são evidências do caráter disjuntivo do pensamento educacional. Nós nos colocamos numa perspectiva diversa à disjunção. Uma vez que tratamos da humanidade do pensamento, então tratamos de sua *unidualidade*, seu caráter ao mesmo tempo racional e afetivo. Esta concepção foi alimentada pelo diálogo com dois autores principais, Edgar Morin e Giorgio Agamben. Foi a partir do pensamento desses dois autores que encontramos as principais ideias e categorias que compõem nossa abordagem. Bebendo na fonte de seu pensamento nos apropriamos das ideias de disjunção, de sacralização, de dispositivo, de uso e de profanação para elaborar nossa experiência. Assim, apresentaremos o que elas significam no pensamento de Morin e de Agamben, e como elas compõem nosso pensamento.

De início, nossa abordagem sobre o uso da imagem sofria influência da perspectiva predominante em relação à tecnologias na educação, governada pelo determinismo tecnológico que coloca os aparelhos em primeiro plano em relação ao espírito humano. Ao mesmo tempo não deixávamos de adotar algum estranhamento em relação a essa perspectiva. Foi esse estranhamento que nos apresentou a “fissura” a ser explorada na cultura da imagem ou, para usar os termos do pensamento de Agamben, nos levou a adotar uma atitude contemporânea diante dessa cultura.

No contexto de uma cultura da imagem, a qual é produzida principalmente por aparelhos tecnológicos, a imagem e os próprios aparelhos ganham autonomia em relação ao sujeito humano. Esta autonomia está implicada no *paradigma da disjunção*, este, é parte do racionalismo que não separa apenas as duas dimensões do pensamento, mas separa o próprio pensamento em relação ao sujeito humano. Nessa medida, ocorre um processo de sacralização. Este significa, segundo Agamben, a separação de algo do uso comum dos homens, restringindo-o ao uso sagrado (AGAMBEN, 2007, p. 65). Um desses lugares sagrados é o lugar ocupado pela imagem na contemporaneidade, assim como também a racionalidade.

A idéia de uso aqui significa o uso na vida. Aquilo que é objeto de uso humano é governado por sua vontade e pela sua ação no mundo. Por outro lado, aquilo que é sacro, autônomo, separado do uso humano, nos governa ou nos orienta, em lugar de ser orientado pelo nosso uso, significa nossa existência em lugar de ser significado por ela. Diante dessas considerações, concebemos que, a imagem como elemento arcaico indissociável do pensamento, ao passar por um processo de sacralização, se dissocia do pensamento e por consequência, do próprio sujeito. Assim, aquela propriedade arcaica de criar imagens não é percebida pelo sujeito sob a condição humana de imaginador, mas como atributo exterior, sobretudo, como produto das tecnologias da imagem.

Um dos sintomas dessa situação na contemporaneidade é a visibilidade. Esta implica na produção de subjetividades e de realidades que se constituem enquanto imagens, portanto, se constituem com base na qualidade de serem visíveis. A categoria a partir da qual interpretamos a visibilidade na sociedade contemporânea é a idéia de dispositivo desenvolvida por Giorgio Agamben, que ele define como qualquer coisa que possa orientar, capturar, controlar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos indivíduos (AGAMBEN, 2009, p. 40 – 41). A produção de visibilidade constitui o uso predominante da imagem na contemporaneidade. Os sujeitos e o mundo ganham realidade e substância a partir de um elemento insubstancial, pois os sujeitos passam a se constituir pela imagem em lugar de ter na imagem uma parte de sua subjetividade. Este uso da imagem é o que atribui o caráter de dispositivo à visibilidade.

Esse uso da imagem compõe sua sacralização em relação ao sujeito. Mas aquilo que é sacro pode ser profanado. Isto significa, nos termos de Agamben, restituir algo ao uso

comum dos homens (AGAMBEN, 2007, p. 68). A profanação significa estabelecer um novo uso para o que é sacro. Para nós, isto significa estabelecer um uso para a imagem que recupere o reconhecimento dos sujeitos da sua condição de imaginador. A idéia de profanação é o que fundamenta a concepção de nossa pesquisa como experimento. Vale destacar que a concepção de experimento neste caso não contempla uma relação do tipo sujeito-objeto. Não observamos o uso da imagem pelos sujeitos para relatar nossas conclusões como resultados. Nossa idéia é experimentar junto com os sujeitos, um uso da imagem diferente do que eles estão habituados e, pela experimentação desse novo uso, possibilitar que os próprios sujeito enxerguem sua relação com a imagem sob outra base que não a visibilidade e assim, eles próprios recuperem sua condição humana de imaginador.

### **Relato da construção do experimento**

Para chegar à formatação atual de nossa pesquisa também passamos por um processo de experimentação enquanto pesquisador. O caminho que desenvolvemos até este ponto do nosso trabalho seguindo o itinerário dos principais autores com os quais temos dialogado nos aponta para desenvolver nossa pesquisa segundo a concepção de *método como estratégia*. Está é uma idéia inspirada, sobretudo em Morin, que dedica uma de suas obras a elaborar essa concepção. Que ele define assim:

O método como caminho, ensaio gerativo e estratégia “para” e “do” pensamento. O método como atividade pensante do sujeito vivente, não-abstrato. Um sujeito capaz de aprender, inventar e criar “em” e “durante” o seu caminho (MORIN, 2003, p. 18).

De um ponto de vista teórico, no método e na escrita de Morin e de Agamben estão presentes, a possibilidade, o transitório, a busca da explicação pela compreensão e a consideração do concreto em diálogo com o abstrato para interpretar os fenômenos e o real. Assim, buscamos incorporar esses traços a nossas observações e à nossa escrita. Mas, mais importante que isso foi que, não adotamos essa abordagem em princípio, e sim nos encontramos com ela seguindo os rastros de nossos dois principais autores.

Morin, afirma que uma teoria possibilita o conhecimento, ela não é o conhecimento, é uma possibilidade de partida em lugar de ponto de chegada, não oferece solução, mas

oferece uma possibilidade de tratamento, de abordagem ou de construção (MORIN, 2003, p. 24). À medida que fomos nos aprofundando no pensamento de Agamben e Morin fomos encontrando as chaves para a abertura de novos caminhos interpretativos.

De um ponto de vista prático, essa concepção de método foi fundamental na nossa relação com o campo de pesquisa, pois ela possibilitou que nos movêssemos dentro da sua dinâmica e das suas contingências. Por mais de uma vez foi necessário rever as estratégias de abordagem do campo para se adequar à sua realidade e possibilitar a efetivação do experimento.

Os primeiros fatores que demandaram uma revisão de estratégias foram: a resposta que os sujeitos deram em relação ao uso do vídeo na escola; as contingências formais da carga horária de sociologia no ensino médio; a extensão do campo, que compreenderia três turmas do primeiro ano do ensino médio porque, inicialmente, nossa atenção se voltava para aplicação da experiência dentro da sala de aula, assim, os sujeitos principais da pesquisa eram os alunos das escolas ensino médio que participam do PIBID.

Constatamos que o número de sujeito era muito grande e que o tempo disponível para trabalhar na sala de aula era muito reduzido. A disciplina de Sociologia do ensino médio nas escolas da rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte tem apenas uma hora-aula por semana. Como a pesquisa necessitava trabalhar também aspectos da linguagem audiovisual com os alunos, o tempo disponível era inviável para trabalhar essas questões paralelamente ao conteúdo normal da disciplina.

Associado a isso, a possibilidade de lidar com o vídeo na sala de aula não representou nenhuma motivação significativa para os alunos do ensino médio. Embora possuíssem aparelhos capazes de produzir vídeos, como telefones celulares, o mais importante para eles era o uso da imagem fotográfica, com a qual lidavam amplamente nas redes sociais. A possibilidade de trabalhar com o vídeo na sala de aula foi encarada por eles como mais um formalidade entre as atividades curriculares da escola, visto que nossa tentativa era incluir a experiência dentro do planejamento das professoras, adotando o trabalho com o vídeo como um das atividades avaliativas da disciplina.

A extensão do campo e as contingências formais da escola foram resolvidas com o deslocamento de nosso campo da sala de aula para o trabalho dentro do PIBID. A quantidade de sujeitos envolvidos na pesquisa foi reduzida para os vinte bolsistas de

Ciências Sociais participantes do programa de iniciação à docência. Nossa estratégia passou a ser a seguinte: trabalhar a experiência do vídeo com os professores em formação para que eles a aplicassem na sua experiência de sala de aula, assim, teríamos como objeto de análise a experimentação realizada por esses sujeitos.

No entanto, o problema do significado do uso do vídeo na educação ainda não havia sido resolvido. Realizamos um trabalho sobre a linguagem audiovisual com os bolsistas do PIBID e sobre a relação desses sujeito com as tecnologias da imagem. A interpretação colhida desse trabalho foi que os sujeitos apresentam uma dificuldade em lidar como as tecnologias para os fins de criar algo partir delas. Embora a tecnologia seja acessível e seja utilizada para os fins de registro das horas de lazer e seus compartilhamentos pelas redes sociais, quando os sujeitos foram confrontados com a possibilidade de usar a tecnologia para os fins educacionais sobretudo com a possibilidade de criara conteúdo através do uso do vídeo, isto representou uma barreira.

Vale destacar aqui, que na experiência que propomos com a imagem não propõe o uso do vídeo como exemplo ou ilustração do conteúdo curricular, mas como forma construir um entendimento a respeito do conteúdo e representá-lo em imagens. Isto significa pensar com a imagem em lugar de apenas receber o conteúdo pela imagem como ilustração. Esta diferença é significativa, pois coloca o sujeito na condição de imaginador em lugar de receptor ou consumidor de imagens.

Diante disso a estratégia que desenvolvemos para contornar a dificuldade em lidar com a tecnologia foi dar um passo atrás no processo de criação de imagens e reforçar a perspectiva que tenta fugir ao determinismo tecnológico. Se concebemos o sujeito sob a condição de imaginador, enquanto tal, as imagens que ele pode criar são anteriores a qualquer materialização, ou virtualização da imagem em um superfície, sejam telas de vídeo, de televisão, de computador ou qualquer outra. A primeira forma da imagem é a imagem mental. Então buscamos trabalhar a criação dessas imagens e sua expressão através da criação de situações. Estas situações seriam representadas através de narrativas literárias criadas pelos sujeitos. Com isso, o objetivo é despertar neles a consciência de que a criação de imagens é anterior à sua forma de predominante que aparece nas superfícies ou nas diferentes formas de tela existentes. Desse modo colocamos a tecnologia apenas como forma avançada de materialização das imagens e invertemos a lógica do determinismo

tecnológico. Colocamos as qualidades humanas do sujeito diante da técnica, esta aparece como objeto das possibilidades do espírito humano, em lugar de sujeitar o espírito.

### **Sistemática do experimento**

Todo trabalho de criação de imagens a partir de narrativas literárias e a produção audiovisual é baseada no currículo de sociologia para o ensino médio. O currículo com o qual trabalhos foi desenvolvido pelo próprio PIBID de Ciências Sociais da UERN com a participação dos bolsistas, de professores do curso de Ciências Sociais e de professoras do ensino médio que participam do programa como supervisoras dos bolsistas nas escolas. Esse currículo ainda não é utilizado integralmente, mas é aplicado nas aulas ministradas pelos bolsistas do PIBID.

O trabalho foi dividido nas seguintes fases: discussão sobre a problemática da imagem na contemporaneidade; estudo da linguagem audiovisual; criação de situação/narrativas e imagens literárias a partir do conteúdo curricular de Sociologia; produção de vídeos a partir das situações/narrativas; aplicação da mesma experiência em sala de aula.

O objetivo da primeira fase foi levantar a questão da ancestralidade da relação entre imagem e pensamento, colocando em evidência o sujeito imaginador, a sacralização da imagem na contemporaneidade e a idéia de profanação como base da proposta do experimento a ser realizado. O objetivo da segunda fase foi preparar os bolsistas para a produção de vídeos. Esta fase foi realizada antes da criação das situações/narrativas literárias porque compunha as estratégias metodológicas anteriores à criação das situações/narrativas. A terceira fase teve como objetivo explorar a condição de imaginador dos sujeitos através da criação de situações/narrativas, afim de dessacralizar a imagem. Por fim, o objetivo da produção é a materialização das imagens literárias e com isso complementar e enfatizar o dessacralização da imagem, levando à consciência da anterioridade da imagem no pensamento em relação à imagem técnica sobretudo.

Quero destacar aqui o trabalho realizado na terceira fase do experimento por dois motivos: primeiro, porque, no momento representa alguns resultados concretos da pesquisa; segundo, porque é expressão da condição de imaginador dos sujeitos. A sistemática

particular dessa fase ocorreu da seguinte forma: criamos primeiramente uma situação/narrativa para servir de exemplo para o trabalho dos bolsistas do PIBID; a partir desse exemplo os bolsistas criaram suas próprias narrativas para serem produzidas posteriormente na forma de vídeo.

A situação/narrativa que elaboramos como exemplo foi baseada no conteúdo curricular do primeiro ano do ensino médio sobre ciência e senso comum. Elaboramos uma situação/narrativa intitulada *O mito da solidariedade orgânica*, que consiste num diálogo entre pai e filho. Ela mostra as perspectivas de duas formas de saber diferentes que tentam explicar como os indivíduos cooperam em sociedade. Para isso, usamos os conceitos de solidariedade mecânica e de solidariedade orgânica da Durkheim para compor nossa história. Assim trouxemos uma questão da própria Sociologia para compará-la com uma visão de mundo orientada por uma perspectiva não científica. Denominamos a situação/narrativa de mito da solidariedade orgânica porque buscamos trabalhar a visão do senso comum em relação à ciência através da explicação mítica para os fenômenos mundanos. Partindo disso elaboramos uma situação fictícia na qual as duas idéias de solidariedade tivessem uma explicação mítica e explicação científica. Tomamos como inspiração um trecho do livro *O mundo de Sofia* (GAARDER, 1995), no qual o personagem de um filósofo, interlocutor da personagem Sofia, mostra a importância do mito para a construção do próprio pensamento humano. A partir da história elaboramos, propusemos aos bolsistas do PIBID que criassem situações/narrativas também sobre o conteúdo ciência e senso comum. Apresentamos agora trechos de algumas histórias.

A primeira delas não representa de fato uma situação. A autora exerceu sua qualidade de imaginadora elaborando imagens na forma de versos. O importante neste caso foi que ela explorou uma habilidade que já possuía, a de escrever versos na forma da literatura de cordel, e que seus versos também podem produzir as imagens que buscamos explorar. O que interessa é que o sujeito possa usar uma imagem literária para expressar o conteúdo curricular e que essa imagem possa ser expressa também sob a linguagem audiovisual. Neste caso os versos, que não tiveram um título definido pela autora, darão origem à produção de um vídeo clipe. Destacamos a seguir alguns trechos.

Desde que o mundo é mundo  
Ele sempre foi um só  
Disseram muitas verdades

Sempre julgando ser a melhor

Surgiram mitos, teses  
 Crendices e explicação  
 Buscando entender  
 Como se deu a criação  
 [...]  
 Muitos acreditam que foi um Deus  
 Como diz a religião  
 Os cientistas já afirmaram  
 Que veio de uma explosão

A segunda situação/narrativa é baseada no diálogo entre uma adolescente e sua avó. O diálogo gira em torno das explicações da avó e do que a neta aprendeu na escola sobre os sintomas da menstruação e do que a mulher não pode fazer nessa situação. A seguir um trecho da narrativa intitulada *Os mitos da vovó*.

**Ana** - Vovó hoje de manhã não irei à escola, minha menstruação chegou e estou me sentindo indisposta, muitas cólicas.

**Dona Maria** - Muito bem, é necessário repouso, minha filha não se pode sair de casa nesse período a menina fica muito frágil, e se cai um sereno? Nossa! Deus me livre! (vovó se benzeu).

**Ana** - Vovó porque se benzeu? O que tem haver o período menstrual com a chuva?

**Dona Maria** - Minha filha, não se pode tomar banho de chuva nesse período faz mal.

**Ana** - Ah! Já sei, é verdade. Precisamos usar uma proteção e por esse motivo não seria o correto sair na chuva, vovó como sempre muito sabia e esperta.

**Dona Maria** - Meu amor, tomar banho de chuva seria a lógica, não acha? Quando digo que não pode é porque faz mal, quando a menina está no período menstrual não se pode pegar nem um sereno de chuva, isso faz com que suas cólicas aumentem muito, chegando a você gritar de tanta dor, nem lavar os cabelos isso faz com que aumente o fluxo, minha mãe nos ensinou. E agora vou ensinar pra você.

**Ana** - Não, não vovó! Na aula de biologia minha professora disse que as cólicas acontecem porque o corpo feminino possui estruturas reprodutivas, tais como o útero, os ovários e as trompas, que todo mês se preparam para receber um bebê. Nessa preparação, cria-se uma camada dentro do útero chamada endométrio, responsável por nutrir o embrião. Quando o corpo percebe que o óvulo não foi fecundado e, então, não precisará suprir o tal embrião, começa o processo inverso – o próprio endométrio reconhece que não mais será utilizado e libera uma substância. Esta substância fará o útero contrair-se para que o endométrio seja, então, eliminado do organismo. As contrações do útero comprimem os nervos e os vasos sanguíneos à sua volta, causando dores no baixo-ventre. E é assim que, finalmente, surge a cólica menstrual. Podemos tomar banho, e lavar os cabelos normalmente.

**Dona Maria** - Ana, vou tirar você desta escola, esta decidido!

**Ana** - Porque vovó o que eu disse de mais? Por favor, eu gosto da minha escola. Vó, juro que não menti sempre depois da aula, eu pesquisei o que é dito lá no computador que o tio Paulo me deu.

**Dona Maria** - Ana, as pessoas hoje não dão mais valor aos conhecimentos que nós mais velhos adquirimos no passado, e inventam uma tal de uma internet e enche de mentiras lá, vocês com a cabeça de vento acreditam em tudo.

**Ana** - Ah, vovó como posso sonhar em ser médica acreditando nisso? Se é na internet que faço minhas pesquisas. Vozinha o tempo passou e muito se avançou, a chuva é um fenômeno da natureza.

**Dona Maria** - Aninha, a filha da dona Chiquinha minha comadre morreu depois de um banho de chuva quando estava nesse período, escuta o que estou falando!

**Ana** - Vozinha, antigamente as mulheres tomavam banhos frios e com águas muito frias, isso fazia com que o útero tivesse uma contração o que em alguns casos poderia interromper o fluxo por uns instantes, ao ser restabelecido poderia causar a impressão de um fluxo maior.

**Dona Maria** - Ana, essa conversa já está muito estendida, então vamos deixar para retomar em outro momento, agora vá deitar tenho que ir até o supermercado, lembre-se de não tomar do suco de manga que tem na geladeira. Ah, estou indo comprar camomila é bom pra acalmar...

**Ana** - Camomila acalma? Porque será que vovó me disse pra não tomar suco de manga?

Como podemos observar as duas situações/narrativas não tratam necessariamente de questões sociológicas. O importante é que elas mostrem como a ciência e o senso comum podem oferecer explicações para as mesmas coisas sob perspectivas diferentes. O que interessa do ponto de vista da nossa experiência, é que as situações/narrativas revelem a organização do pensamento e um entendimento do sujeito sobre o assunto.

Os bolsistas do PIBID reproduzirão essa mesma experiência em sala de aula. Os alunos do ensino médio, baseados no conteúdo ministrado, também irão elaborar histórias que servirão de base para a criação de vídeos. O objetivo é que os alunos também organizem seu pensamento e revelem seu entendimento sobre o assunto através da imagem. Posteriormente, a partir das histórias e dos vídeos, avaliaremos como os alunos elaboraram seu entendimento junto como os bolsistas do PIBID. É importante destacar, as situações/narrativas e os vídeos não significam apenas ilustrações para o conteúdo, mas significam usar a imagem para pensar e expressar um entendimento.

## Referências

ADORNO, Theodor W. **O ensaio como forma**. In. Notas de literatura I. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

- AGAMBEN, Giorgio. **O homem sem conteúdo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- \_\_\_\_\_. **O que é o contemporâneo?** Chapecó, SC: Argos, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- \_\_\_\_\_. **A potência do pensamento**. Revista do Departamento de Psicologia - UFF, v. 18
- FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia: romance da história da filosofia**. Tradução: João Azenha Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: necrose**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. São Paulo: Cortez, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Da culturálise à política cultural**. Margem. São Paulo, n. 16, p. 183-221, dez. 2002.
- \_\_\_\_\_. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- \_\_\_\_\_. **O método 4: as idéias**. Porto Alegre: Sulina, 1998.
- \_\_\_\_\_. **O cinema e o homem imaginário: ensaio de antropologia**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.
- \_\_\_\_\_. **A noção de sujeito**. In: Schnitman, Dora Fried (org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- \_\_\_\_\_. **As estrelas: mito e sedução no cinema**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1989.